

# Entrecosturas para desfazer narrativas hegemônicas: diálogos contemporâneos

NUTYELLY CENA

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.6 N.2 ANO 2021

## RESUMO:

Este texto explora o papel das curadorias em museus e artes como ferramentas de resistência contra estruturas hegemônicas. Através de uma análise crítica, discute-se como as práticas curatoriais podem transgredir convenções, ao dar visibilidade a corpos e narrativas marginalizadas, como artistas negras, indígenas e LGBTQI+. Além disso, iniciativas como o Levante Nacional Trovoa e o projeto Pluralidades são apresentadas como exemplos de aquilombamento e estratégias contra-hegemônicas, promovendo novas formas de representação e questionando as limitações impostas pelas instituições tradicionais.

**PALAVRAS-CHAVE:** Curadoria, Transgressão, Aquilombamento, Representação, Descolonização.

## ABSTRACT:

This text explores the role of curatorial practices in museums and the arts as tools of resistance against hegemonic structures. Through a critical analysis, it discusses how curatorship can transgress conventions by giving visibility to marginalized bodies and narratives, such as Black, Indigenous, and LGBTQI+ artists. Furthermore, initiatives like the Levante Nacional Trovoa and the Pluralidades project are presented as examples of aquilombamento and counter-hegemonic strategies, promoting new forms of representation and challenging the limitations imposed by traditional institutions.

**KEYWORDS:** Curatorship, Transgression, Aquilombamento, Representation, Decolonization.

# Entrecosturas para desfazer narrativas hegemônicas: diálogos contemporâneos

NUTYELLY CENA

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.6 N.2 ANO 2021

Este texto tem por objetivo apresentar um pensamento em torno de algumas questões para o campo dos museus, artes e curadorias. Para isso, serão apresentadas iniciativas engajadas em desfazer as estruturas hegemônicas com debates e narrativas contra-hegemônicas, questionando sobretudo as estruturas de dominação e os lugares da representação. Em linhas gerais, apresento uma reflexão partindo do campo da curadoria, a partir de exposições, pesquisas e iniciativas que desafiam os cânones das artes e dos museus e contribuem para transgredir os processos de exclusões de gênero, questões étnico-raciais, regionais, classes entre outras. Trataremos também de alternativas para a construção de espaços transgressores na esperança de uma sociedade futurível menos excludente.

## O que pode uma curadoria?

O que pode uma curadoria tradicional em que a figura do curador está distante de artistas negras e racializados? Como pode uma curadoria branca se sentir desconfortável com o conceito de uma exposição com inúmeros delimitadores de exclusão? No contexto brasileiro, onde é possível perceber que há critérios de seleção baseados em noções de ego branco como forma a adotar juízos de seleção limitadores? Em que medida as instituições evitam exposições de trabalhos de artistas mulheres, artistas negras, LGBTQI+ ou, como no exemplo mais recente, africanas e indígenas? Em que medida as mesmas se defendem com argumentos de que não há necessidade de exposições de grupos assim chamados marginalizados? Como é possível pensar em mudanças reais na seleção de propostas de exposições sobre arte contemporânea LGBTQI+ curada por corpos LGB- TQI+ ou curadorias negras?

Muitos caminhos são possíveis para pensarmos em respostas a estes questionamentos para que de fato tenhamos práticas concretas para desfazer as estruturas hegemônicas dos museus e do campo das artes. É preciso sobretudo

# Entrecosturas para desfazer narrativas hegemônicas: diálogos contemporâneos

NUTYELLY CENA

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.6 N.2 ANO 2021

chamar a atenção das instituições, críticos, museólogos, curadores, colecionadores e galeristas para suas práticas homofóbicas, sexistas e racistas. Pois cada vez mais, é preciso que os profissionais das instituições possam estar mais atentos em quem estão apresentando, apoiando narrativas, publicando e sobre quem estão escrevendo. É evidente a falsa abertura nesse campo das instituições convencionais, pois o mito da igualdade e da inclusão precisa ser desmascarado através da disseminação de estatísticas que demonstram como corpos estão sendo repreendidos pelas práticas discriminatórias dessas instituições.

Como podemos pensar para além das dificuldades no reconhecimento do nosso trabalho, sem que as nossas individualidades intelectuais sejam questionadas? O que é ficar sem ser interpe- lado sobre o lugar que foi nos dado por um cis. tema? Parece que há uma cobrança de sempre partirmos deste lugar, enquanto o branco é humanizado na sua neutralidade, não os é cobrado a falarem a partir do seu histórico de violência.

Por isso, o silenciamento dos sujeitos negros permite que a fala colonial branca se consolide como verdade sem a interferência de discursos contrários. A inviabilidade de manifestação da fala negra é a condição por meio da qual o sujeito branco se reproduz. Assim é que, no marco do racismo, o sujeito branco depende da produção arbitrária do sujeito negro como “Outro” silenciado para se constituir, atualizando, a partir do binômio branco/negro, uma série de outras fórmulas binárias tais como bem/mal, certo/errado, humano/inumano, racional/selvagem, nas quais o negro não cessa de ser representado como mal, errado, inumano, selvagem. Dessa maneira, não é jamais o sujeito negro que está em questão, mas as imagens e narrativas dominantes produzidas desde um ponto-de-vista colonial acerca dele. (MOMBAÇA, 2015)

**Pode a curadoria transgredir?**

# Entrecosturas para desfazer narrativas hegemônicas: diálogos contemporâneos

NUTYELLY CENA

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.6 N.2 ANO 2021

Como nos tornamos sujeitos a partir de um regime informado de representações negativas? Como observar movimentos de interpelação e autodefinição/ressignificação de uma identidade a partir dos processos representacionais nas práticas artísticas e curatoriais?

Ao meu ver, é preciso transformar as imagens, criar alternativas de aquilombamento e, questionar quais tipos de imagens subverter, apresentar críticas para transformar visões de mundo e nos afastar de pensamentos acerca do que é palatável na perspectiva do olhar do outro hegemônico. Ou melhor, é preciso abrir espaço para imagens e práticas transgressoras, para a construção de uma visão insurgente como esforço de criar um contexto para a transformação. E, se houver pouco progresso, é porque nós transformamos as imagens sem alterar os paradigmas, sem mudar as perspectivas e os modos de ver (HOOKS, 2019). No entanto, ainda é preciso mais!

Precisamos manter um cuidado com as estratégias escolhidas, principalmente no que diz respeito a essa ideia que temos sobre visibilidade e representação, pois todo regime de representação é um regime de poder, ou seja ainda é preciso mais do que somente uma representação positiva, precisamos refletir sobre quem está olhando e como esse olhar é colocado sobre nossos corpos, subjetividades, trajetórias e produções. Sendo assim, é preciso pensar nos mecanismos de censura e formas de utilização de um poder que nos interpela para negar esse próprio poder. Ao resignificar essa identidade, ainda é preciso haver uma estratégia de resistência a esse poder, não o negando, mas questionando-o e resignando.

O debate sobre a intersecção das discriminações baseadas no pertencimento racial, na orientação sexual e nas identidades de gênero ainda estão presentes no conjunto da sociedade brasileira, nos órgãos responsáveis pelas políticas públicas, no campo das artes e nos museus. Trazemos aqui iniciativas que considero

# Entrecosturas para desfazer narrativas hegemônicas: diálogos contemporâneos

NUTYELLY CENA

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.6 N.2 ANO 2021

essenciais para o avanço dessas discussões, com vistas à superação das desigualdades que atingem as populações negras, quilombolas, indígenas e LGBTQI+ no Brasil.

Boa parte dessas iniciativas têm sido impulsionados pelas redes sociais, onde os atores dos movimentos sociais de negras, quilombolas, indígenas lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais, para além de demandar políticas públicas, estes segmentos se organizam, lutam por seus direito à memória e pela cidadania plena.

Nesse caminho, a transgressão dentro do campo dos museus e das artes visuais precisa ser urgente: reconhecer o direito à diversidade, a humanização dos corpos para sobrepor as desigualdades, expropriação de seus direitos, opressões, subalternidades, estigmatizações históricas e ainda permanecem resistindo e lutando com dignidade, assim abrem caminhos com muita luta em prol das rupturas com as normas e prescrições da heteronormatividade eurocêntrica.

Nesta perspectiva, para nós corpos negros, é um desafio diário, onde precisamos reivindicar um lugar de existência e humanidade enquanto pensadores e intelectuais, que transgridem essa visão colonial. E esse processo, além de ser crítico, é constante, pois ao nos aquilombarmos podemos construir novas possibilidades e futuros futuríveis. Buscarei brevemente traçar algumas iniciativas que me motivaram a adensar meus estudos neste texto sobre curadorias e ativismos artísticos em que o corpo é a agência do discurso. Essas iniciativas constituirão as memórias de uma transgressão na qual uma sociedade hegemônica foi convidada a refletir sobre outras imagens, discursos e possibilidades de abertura aos nossos saberes e práticas.

**Laroyê! Abrindo caminhos**

# Entrecosturas para desfazer narrativas hegemônicas: diálogos contemporâneos

NUTYELLY CENA

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.6 N.2 ANO 2021

Iniciativas como as que serão apresentadas a seguir evidenciam que a transgressão é possível, e como os caminhos de uma abordagem coletiva nos auxiliam no preenchimento de rasuras deixadas pelas instituições tradicionais e pelo campo das artes, percebe-se também uma inversão de dominações do olhar do outro. No caso nas instituições museológicas convencionais, essas mudanças talvez não aparecerão tão rapidamente quanto gostaríamos, pois este não está interessado em uma abordagem da diversidade e da multiplicidade de vozes, onde ainda olham para os corpos e epistemologias de forma tutelada e com sua lente colonial. Os caminhos abertos nos possibilitam pensar em como redefinir e desfazer as estruturas hegemônicas baseadas em distinções hierárquicas, cis, heteronormativas e brancas tão presentes em museus, galerias e meios de comunicação. Precisa-se de uma análise crítica das exposições, realizar pesquisas sobre artistas não hegemônicos, mulheres, trans, negres e indígenas. Sobretudo, evidencio a seguir iniciativas, pesquisas e mapeamentos que versam sobre as abordagens relativas às identidades que escapam da matriz hegemônica masculina mormente vigente nas artes, museus e na Museologia. Evidencio ainda, a necessidade de dialogarmos com práticas de ativismo, projetos e pesquisas em torno dos discursos contra-hegemônicos, ou seja, estratégias e lutas sociais pela emancipação de corpos racializados entrecruzados pelas opressões existentes, e também por lugares de enunciação. Pois, uma vez que esses saberes são localizados, possuem presentes na memória e nas expressões artísticas uma potência de vozes, de corpos que discutem a relação entre essa produção artística e a elaboração de estratégias de resistência para a produção de identidades/subjetividades.

O Levante Nacional Trovoa é um grupo de mulheres artistas visuais, curadorias e educadoras racializadas que atua desde 2017 como uma pequena rede de fortalecimento para a produção de arte contemporânea a partir do pensamento não-branco. O grupo, que é originalmente formado por mulheres

# Entrecosturas para desfazer narrativas hegemônicas: diálogos contemporâneos

NUTYELLY CENA

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.6 N.2 ANO 2021

racializadas de origem periférica do Estado do Rio de Janeiro, que após a participação em residência no Centro Municipal de Artes Helio Oiticica (CMAHO) no mês de Janeiro de 2019, promoveram os Chás de Verão Trovoa, que são bate-papos entre mulheres negras e não-brancas sobre arte contemporânea.

Além dessa atuação, o Trovoa abriu no mês de abril de 2019 uma convocatória nacional que visou mapear a produção de artistas racializadas e trazer o protagonismo desses corpos para o campo da arte. No impulso de investigar a pluralidade de suas pesquisas e práticas artísticas, mulheres artistas de diversas gerações e diferentes trajetórias de todo Brasil reuniram trabalhos em seus estados.

Coletivos de artistas e curadoras se movimentaram de forma independente para realizar exposições onde apresentam trabalhos que elaboram experiências do corpo feminino negro frente a uma sociedade patriarcal e hegemônica, além de debates e atividades educativas sobre a deficiência da presença de artistas racializadas no circuito das artes.

Essas iniciativas demonstram que é cada vez mais latente a necessidade de saírem da posição de grupos fechados e se tornarem um movimento em rede, agregando outras mulheres, cis e trans, artistas e curadoras, de corpos negres, indígenas e não brancos em várias geografias possíveis, que se veem sub-representadas ou limitadas no circuito artístico nacional. No ano de 2019 aconteceu na Galeria da Faculdade de Artes Visuais na Universidade Federal de Goiás, FAV- UFG a mostra “Das águas se faz tempestade”, sob curadoria compartilhada de Nutyelly Cena e ALÁFIA. A exposição foi um desdobramento do levante nacional de artes visuais produzidas por mulheres artistas e curadores não-brancas, o Trovoa.

O centro-oeste entrou nesse circuito a partir de uma exposição Das águas se faz tempestade, que apresentou um diálogo com a produção contemporânea de

# Entrecosturas para desfazer narrativas hegemônicas: diálogos contemporâneos

NUTYELLY CENA

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.6 N.2 ANO 2021

mulheres dando foco para artistas negras e indígenas. As artistas apresentaram produções nas linguagens de pintura, fotografia, performance, vídeo-performance, instalação e gravura, que eram atravessadas pelas questões de gênero, raça e ancestralidade sob a perspectiva decolonial. Carregados de resistências esses corpos deslocaram-se para um lugar de fala, voz e contestação de espaços com a perspectiva da cura e do afeto para propor uma nova poética sobre as resistências, opressões raciais e de gênero que historicamente foram acometidas aos corpos negros e indígenas.

Neste contexto goiano a mostra surge da necessidade de apresentar a pluralidade de linguagens e pesquisas que estão sendo produzidas por mulheres racializadas no Brasil neste momento político. Ao mesmo tempo, procurou-se criar uma rede de artistas e curadoras ampliando assim a possibilidade de presença no circuito de arte em Goiás e no Brasil.

Entretanto, além de uma construção coletiva de possibilidades para descentralizar os discursos produzidos nos eixos sudestinos RJ>SP, ainda é preciso sobretudo fomentar trocas entre artistas da região nordeste, norte e de outros estados brasileiros. E evidenciar ações que estimulem a experiência de pensar o corpo a partir dos mais diversos territórios, pois as experiências e vínculos afetivos, simbólicos e coletivos enunciam subjetividades plurais. Partindo dessa questão, as abordagens, novas perspectivas e métodos de pesquisa e desenvolvimento de poéticas individuais em artes visuais, dialogam com os desafios de discutir políticas de acesso e formas de propor espaços para práticas artísticas capazes de transpor os limites que a falta de estrutura financeira impõem.

## Projeto Pluralidades

Òkun, "mar" em yorubá, é artista Visual afro-brasileira residente em Goiânia-GO. Iniciou sua trajetória artística através da música, transitou entre

# Entrecosturas para desfazer narrativas hegemônicas: diálogos contemporâneos

NUTYELLY CENA

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.6 N.2 ANO 2021

fotografia e audiovisual, hoje se expressa através da pintura e ilustração. Seus trabalhos fazem atravessamentos entre pautas raciais, saúde mental, cura, religiosidade, memória, ancestralidade e pertencimento. Graduanda em Artes Visuais - Bacharelado pela Universidade Federal de Goiás e membro do projeto de extensão Cineclube Kalunga Goiás - UFG. Òkun, gerencia um projeto intitulado "Pluralidades" onde mapeia e apresenta artistas racializados no seu perfil do Instagram, segundo ela o projeto surgiu a partir da vontade de compartilhar sua rede de amigos artistas que tanto admira o trabalho, além de terem um reconhecimento devido "Sempre acreditei muito no sucesso, e eu nunca o vi de uma forma individual. Acredito em pontes, laços, apoios, acredito na filosofia ubuntu "eu sou porque nós somos".

Òkun com obras expostas na Das Águas se Faz Tempestade. 2019. Suas primeiras inquietações estavam de encontro com o seu papel nas redes sociais em visibilizar e contribuir com a trajetória de artistas racializados, segundo ela "Quem são essas pessoas, seus rostos, vozes, trabalhos, precisam ser registrados para contar narrativas que no mundo branco não são vistas como relevantes. Enquanto isso seguimos tendo um acervo imenso de registro sobre a vida inteira de artistas brancos... Narrativas parecidas que juntas formam a história "da arte" que nos fazem acreditar ser universal. Quando na verdade, o apagamento de artistas jovens, negres, indígenas, trans e entre outros, continua sendo feito de forma escancarada como se o trabalho dessas pessoas não fosse potente."

Segundo a artista, o projeto traz artistas racializados, não somente artistas negres, justamente pelo fato de ser tão urgente que a "gente desassocie da ideia de que vivemos num mundo preto e branco apagando assim identidades indígenas, amarelas, marrons, ciganas, entre outras. E que justamente pela união desses povos racializados que são diariamente oprimidos pela branquitude, que nós

# Entrecosturas para desfazer narrativas hegemônicas: diálogos contemporâneos

NUTYELLY CENA

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.6 N.2 ANO 2021

conseguiremos cada vez mais força para descolonizar nossas trajetórias e fazer nossa voz ecoar cada vez mais forte"

Os vídeos são postados no início de toda semana, especialmente nas segundas em homenagem ao dia de Exú, orixá dos caminhos e da comunicação, "Que a cada semana a gente possa estar movimentando as redes dessas pessoas, compartilhando, curtindo, comprando, contratando" diz Ókun.

O Pluralidades também foi pensado para ser acessível. Trazendo assim, legendas e descrição de imagens visto que também existem pessoas racializadas que são deficientes e que cada vez mais ampliando nossa visão de mundo, podemos realmente ter uma luta efetiva que acolha todes. É um aprendizado constante.

Projeto que não são representadas pelos espaços e ambientes nas quais circulam, suas histórias, produções. O processo de pesquisa foi colaborativo e ocorreu pela interação via redes sociais, a partir desse registro dos mapeamento as pessoas que participaram contribuíram com uma série de representações de suas identidades a partir das quais eu trabalhei para "re-representá-las" sob o meu olhar. Ouvir os artistas falando sobre seus trabalhos e atravessamentos nos faz refletir sobre como é importante a história ser narrada por aquele que vive sua própria história. Sobre estar presente, ser ouvido e respeitado pela sua trajetória até aqui. (ÒKUN, 2020)

No total a artista já mapeou os artistas a seguir:

1. Pietra Sousa [multiartista do DF] insta: @pipa\_zhura  
e-mail: piersousa@gmail.com telefone: (61) 98174-7143

2. Liz Murassaki [poeta e artista visual de SP] insta: @pluralizmos portfólio:  
[link.medium.com/TVQo2GVra9](https://link.medium.com/TVQo2GVra9)

# Entrecosturas para desfazer narrativas hegemônicas: diálogos contemporâneos

NUTYELLY CENA

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.6 N.2 ANO 2021

3. Yaya [artista visual, grafiteira do RJ] insta: @arteprayaya e-mail: [yassfferreira@gmail.com](mailto:yassfferreira@gmail.com)

4. Bia Borges [dançarina profissional de GO] insta: @biaborges.s e-mail: biaborgesdance@gmail.com

5. Lupita Amorim [dançarina, poeta e escritora de MT] insta: @lupiamorim e-mail: lupitaamorimcoulee@gmail.com

6. Rafael Vaz [artista visual e poeta de GO] insta: @rafaaelvaz e-mail: rafaaelvaz7@gmail.com telefone: (62) 98470-2208

7. Alexia Ferreira [artista visual do CE] insta: @colagemnegra e-mail: aleferrer554@gmail.com telefone: (85) 99266-5632 portfólio: alexia-ferreira.webnode.com/

8. Pepyaká Krikati [fotógrafo do MA] insta: @pepyaka\_click\_clickando e @pepyaka\_krikati e-mail: pepjacakrikati@hotmail.com

Compreender a pluralidade dessa proposta, para onde a artista olhou e quais camadas que envolveram o termo plural, assim como, quais corpos estão visíveis, tendo em vista a racialidade que hierarquiza saberes e formas de produzir conhecimento, tornou o processo colaborativo, tanto em relação a nossas práticas artísticas e curatoriais, quanto aos interesses em comum.

Partindo do lugar de humanidade, as redes que construímos se tornam espaços e práticas políticas, pois toda ação tem uma intenção, nossa intenção com essa produção, é nos colocar como agentes para eliminar a possibilidade de um pensamento colonial, de eliminar uma chama acesa do colonialismo para despertar outra.

## Considerações finais

# Entrecosturas para desfazer narrativas hegemônicas: diálogos contemporâneos

NUTYELLY CENA

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.6 N.2 ANO 2021

O que é produzido no campo das artes visuais nos dias atuais, precisa ser incorporado com o intuito de ressignificar existências. Artistas visuais e curadores negros, bem como artistas visuais indígenas contribuem a partir das experiências individuais e coletivas, percebemos uma insurgência. Dessa maneira, precisamos expandir essas experiências, que, somente dessa maneira, algumas respostas ao epistemicídio histórico poderiam surgir, por intermédio de um aquilombamento. Artistas contemporâneos e curadores nos lançam convites a uma reflexão crítica sobre a produção de arte e veem arquivos, acervos, memórias objetivando novas imagens e a transgressão de ideologias hegemônicas que transitam as artes visuais e, portanto, o papel dos museus. Por fim, novamente, gostaria de propor um deslocamento a partir da busca por respostas para questões pra te fazer pensar: como podemos fazer com que as instituições convencionais, museólogos e curadores pensem em gênero, raça e sexualidade, e entendam que essas urgências a todo tempo exigem ações práticas e permanentes?.

## Referências

### Leia entrevistas na página do Projeto Afro

<https://projetoafro.com/editorial/entrevista/conversa-com-artista-as-promessas-de-raylander-martis-dos-anjos/>

<https://projetoafro.com/editorial/artigo/curadorias-em-disputa-quem-sao-as-curadoras-negras-negros-e-indigenas-brasileiros/>

### Acompanhe o trabalho de Òkun

Portifólio: [www.okun.carbonmade.com](http://www.okun.carbonmade.com) / [instagram.com/okunn.o](https://instagram.com/okunn.o)

# Entrecosturas para desfazer narrativas hegemônicas: diálogos contemporâneos

NUTYELLY CENA

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.6 N.2 ANO 2021

Acompanhe o trabalho do Levante Nacional Trovoa - Coletivo de artistas e curadoras [instagram.com/trovoa](https://www.instagram.com/trovoa)

## Livros:

Raça e representação, bell hooks, 1992

## Textos:

Maura Reilly, Ativismo curatorial: resistindo ao masculinismo e ao sexismo. 2018.

\*Antologia Histórias das mulheres, histórias feministas –MASP – 2019.

Jota Mombaça, Pode um cú mestiço falar?

<https://medium.com/@jotamombaca/pode-um-cu-mestico-falar>

## SOBRE AS AUTORIAS:

**Nutyelly Cena, Pós-graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Goiás**

Afro-brasileira e nordestina, atualmente mora em Goiânia-Goiás. Mestranda em Antropologia Social pelo Programa de Pós-graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Goiás (PPGAS-UFG). Graduada (2018) em Museologia pela Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Federal de Goiás (FCS/ UFG). Atuou na equipe de museus da Secretaria de Estado de Educação, Cultura e Esporte de Goiás, e em espaços culturais da Universidade Federal de Goiás. Foi Coordenadora Geral da Rede de Educadores em Museus de Goiás (Gestão 2016/2017). É curadora atuante desde 2016. Faz parte da Rede de Museologia Kilombola e do Levante Nacional Trovoa desde 2019. Integrante do Grupo de

# Entrecosturas para desfazer narrativas hegemônicas: diálogos contemporâneos

NUTYELLY CENA

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.6 N.2 ANO 2021

Estudo e Pesquisa Coletivo Rosa Parks e do NuPAA - Núcleo de Práticas Artísticas Autobiográficas (NuPAA/FAV/UFG/CNPq). E-mail: [curadoriaepesquisa@gmail.com](mailto:curadoriaepesquisa@gmail.com)  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0906-1849>

**RECEBIDO em: 11/08/2021**

**APROVADO em: 28/09/2021**